II Congresso Internacional das **Ciências Agrárias** COINTER - PDVAgro 2017

ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADE REASSENTADA DO PROJETO DE INTEGRAÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

Apresentação: Comunicação Oral

Arnádia Juliana da Silva Santos¹; Aretuza Bezerra Brito Ramos²

Resumo

A Etnobotânica pode ser definida como o estudo das sociedades humana passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas, levando em consideração as mais variadas formas de uso dado ao vegetal. Assim, o conhecimento Etnobotânico identificado em assentamentos rurais apresenta importância significativa, pois os processos ecológicos são em grande parte mediados pelo contexto dessas comunidades, bem como estudos nesses locais reúnem informações botânicas e seus respectivos usos são trazidos dos seus locais de origem e misturadas com as obtidas nos novos espaços. Desta forma, este estudo teve como objetivo analisar o cultivo de plantas antes e após o reassentamento na Vila Produtiva Rural Queimada Grande, que faz parte do Projeto de Integração do Rio São Francisco, que se encontra na zona rural de Salgueiro-PE. Foram entrevistados todos os moradores do reassentamento no mês de Maio de 2017 e utilizou-se da entrevista semi-estruturada para a obtenção dos dados. Nesse sentido, os resultados apresentados mostraram as famílias botânicas mais representadas, com destaque para Anacardeaceae, Annonaceae, Apocynaceae e Rutaceae, sendo atribuídas as plantas diversos usos, tais como: alimentício, medicinal, ornamental e místico, demonstrando a diversidade e relevância dos estudos em comunidade reassentadas, principalmente em áreas de Caatinga que é um bioma onde foram realizados poucos estudos.

Palavras-chave: Usos; Caatinga; Assentamentos rurais

Introdução

Estudos Etnobotânicos são desenvolvidos com o propósito de registrar o conhecimento relacionado ao uso dos recursos vegetais (GUARIM NETO; SANTANA; SILVA, 2000), indicando como as pessoas afetam a biologia de determinadas populações de plantas, não apenas sob aspectos negativos, mas beneficiando e promovendo os recursos manejados (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002).

Desse modo, as comunidades que ocupam ambientes diversificados, e com grande número de espécies, tem oportunidades de explorar uma gama maior de recursos vegetais

¹ Graduação de Licenciatura em Ciências Biológicas, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, arnadiajulianasantos20@hotmail.com

² Mestre em Gestão e Políticas Ambientais, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central, brito.amos.ab@gmail.com

(AMOROZO, 1996). Mas, embora a Caatinga não apresente uma diversidade de plantas tão elevada como os demais biomas brasileiros, disponibiliza de condições para que as espécies que ali ocorrem se adapte as adversidades impostas pelo ecossistema, o que o torna com alta taxa de endemismo (LEAL; TABARELLI; SILVA, 2003).

Desta forma, os assentamentos rurais, que são unidades de produção agrícola criadas com o objetivo de reordenar o uso da terra em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra (BERGAMASCO, 2001), podem contribuir para o conhecimento Etnobotânico, uma vez que permite avaliar de que forma os moradores reúnem as informações trazidas de seus locais de origem com as obtidas no lugar onde se instalaram, pois, necessitam adaptar-se e buscam, nesse novo ambiente, plantas úteis às suas necessidades (CUNHA; BORTOLOTTI, 2011).

Em virtude dos fatos mencionados é perceptível que um estudo sobre este tema seja viável para saber como as pessoas têm utilizado as plantas ao longo das mudanças provocadas pelos reassentamentos. Destarte, o presente estudo teve como objetivo descrever as espécies botânicas cultivadas atualmente pelos residentes de uma vila produtiva rural e comparar com a dinâmica praticada anteriormente ao reassentamento.

Fundamentação Teórica

Etnobotânica

Os primeiros relatos da existência humana mostram que o homem sempre manteve uma relação com o ambiente onde vivia, sendo especificamente a interação homem-planta diversificada, dada aos múltiplos usos destes recursos (ALBUQUERQUE, 2002). Assim, para Alexiades et. al. (1996) a Etnobotânica é o estudo das sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas.

No contexto da investigação Etnobotânica, o pesquisador procura conhecer a cultura e o dia a dia da comunidade pesquisada, os conceitos locais de doença/saúde, o modo como a comunidade se vale dos recursos naturais para a “cura” de seus males, atrair ou afastar animais, dentre outros, tentando repassar o conhecimento apreendido para o meio científico sem erros de interpretação (ELIZABETSKY, 2003). Assim, vem sendo uma ferramenta relativamente barata de pesquisa que favorece a relação do homem com a vasta diversidade vegetal, que por sua vez, contribui de forma significativa para a humanidade (PRANCE, 1991).

Nesse sentido, estudos Etnobotânicos desenvolvidos nos assentamentos populacionais, geralmente são estritamente ligados com o meio rural, onde contribui para se conhecer e difundir para toda a comunidade os conhecimentos de seus integrantes, além de colaborar na avaliação da disponibilidade desses recursos e seu atendimento às necessidades locais (ALBUQUERQUE; LUCENA; LINS NETO, 2010).

O uso do conhecimento das plantas por uma comunidade faz parte da sua cultura e está entrelaçada com sua história de vida, portanto, é necessária a realização de estudos que busquem recuperar o conhecimento tradicional, existindo grandes oportunidades de transmitir para futuras gerações (PASA, 2004).

Segundo Palmer (2004), a incorporação de novos conhecimentos em uma comunidade pode ser considerada um fato negativo, pois pode causar a perda de saberes tradicionais em detrimento da inserção de novas informações. Contudo, Bennett e Prance (200) acreditam que estes fatos não causam a perda dos conhecimentos, mas sim agregam novas informações ao conhecimento tradicional pré existente.

Projeto de Integração do Rio São Francisco

O Projeto de Integração do Rio São Francisco, obra de responsabilidade do Ministério da Integração Nacional, é um empreendimento de infra-estrutura hídrica, onde dois sistemas independentes, denominados Eixo Norte e Eixo Leste, captarão água no rio São Francisco para atenuar a situação de abastecimento de municípios do Semiárido, do Agreste Pernambucano e da Região Metropolitana de Fortaleza, mas não atingem os pontos centrais do problema: a pouca disponibilidade e a má distribuição de água na região (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2004).

Contudo, 44 impactos ambientais decorrentes da implantação e operação da obra foram identificados durante a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental, dos quais 23 considerados como de maior relevância (11 são positivos e 12 negativos). De forma a minimizar a ação destes impactos o empreendedor elaborou 38 Programas Ambientais que ao serem executados, possibilitarão a prevenção, atenuação, e correções (SOARES, 2013).

Dentre estes programas está o de Reassentamento de Populações, considerado como sendo o processo de deslocamento de grupos populacionais, visando minimizar os efeitos negativos da realocação, “garantindo uma nova base produtiva e/ou melhores condições de vida ou, no mínimo, similares às originais”. Vale salientar que, essas famílias serão alocadas em vilas rurais, construídas pelo empreendedor (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2014).

Segundo Tuan (1980), a construção de uma vila para trabalhadores rurais pode buscar propiciar alteração nas condições econômicas, mas jamais conseguirá reproduzir condições naturais, culturais, históricas, de afeto ao lugar, onde essas pessoas viviam. No entanto, foram planejadas 18 Vilas Produtivas Rurais (VPR), sendo a VPR Queimada Grande um dos 11 reassentamentos situadas no Eixo Norte e que já se encontra habitada desde 2014. Salienta-se que, as famílias participam de capacitações e oficinas ministradas pelo empreendedor, cujo objetivo é minimizar os impactos da reinserção e permitir a organização socioeconômica das comunidades (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2017).

De modo geral, as vilas são compostas por residências de 99 m², equipamentos de uso comum, e setores produtivos, com no mínimo cinco hectares por beneficiário, sendo um destinado à irrigação (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2017). Assim, para a utilização desta infra-estrutura e dos equipamentos construídos na VPR Queimada Grande as famílias foram conduzidas para suas novas habitações pelo empreendedor, levando consigo hábitos e costumes para as novas residências, estando dentre esses, o de cultivar plantas (informação verbal).

Os assentamentos rurais constituem-se como novos espaços de sociabilidade, que apresentam uma importância significativa para o conhecimento ecológico que em grande parte é mediado pelo contexto destas comunidades (MIRANDA; HANAZAKI, 2008), sendo os estudos Etnobotânicos importantes, uma vez que permitem avaliar de que forma os moradores reúnem as informações trazidas de seus locais de origem com as obtidas no lugar onde se instalaram, mostrando como eles incorporam as novas espécies vegetais identificadas no assentamento (CUNHA; BORTOLOTO, 2011).

Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido na Vila Produtiva Queimada Grande, localizada na zona rural de Salgueiro, no Sertão Central de Pernambuco (Figura 1) e que possui clima semiárido, com média de temperatura anual de 25°C (IBGE, 2017). Como mencionado anteriormente, esta vila pertence ao Projeto de Integração do Rio São Francisco e os seus moradores foram transferidos de sítios próximos a área da VPR, sendo transferidas 25 famílias para o assentamento, estando atualmente com 60 famílias no total.

O método utilizado para realização deste trabalho foi a entrevista semi-estruturada de caráter quantitativo e qualitativo, com perguntas elaboradas previamente e de fácil compreensão para uma melhor obtenção dos dados, pois, conforme Posey (1987), as

perguntas devem ser o mais abertas possível para que não haja o risco de restringir as respostas dadas pelos entrevistados.

Figura 1. Imagem de satélite da área de estudo. Fonte: Modificada do Google Earth, 2017.

Desta forma, a coleta dos dados etnobotânicos foi realizada em todas as residências inicialmente habitadas na vila, contendo dados relacionadas ao cultivo das plantas antes e após a mudança para a VPR, sendo essa etapa metodológica realizada no mês de maio de 2017. Na entrevista, foram abordadas questões que apresentavam aspectos relevantes para serem informadas, tais como os usos dados as plantas cultivadas, estruturas vegetais utilizadas e a indicação, ao mesmo tempo em que os espécimes foram fotografados para posterior identificação. Baseado no estudo realizado por Albuquerque, Lucena e Cunha (2008), foi considerado os seguintes usos: o ornamental, medicinal, forrageiro, místico e alimentício.

A partir do nome vernáculo das espécies observadas foi possível elaborar uma lista florística, com o nome científico definido através do sistema de classificação Angiosperma Phylogny Group (APG) III.

Resultados e Discussão

Após o levantamento verificou-se a ocorrência de 204 espécimes, pertencentes a 47 espécies e 34 famílias botânicas, sendo Rutaceae a que apresentou maior número de espécies cultivadas pelos moradores (8,51%) e 73,5% das demais famílias só possuíam uma espécie (Tabela 1). Prudente e Moura (2013) identificaram as espécies de Rutaceae sendo utilizadas para o tratamento de doenças respiratórias, corroborando com as citações realizadas pelos moradores da Vila Queimada Grande. Os autores ainda relataram a ação anti-inflamatória e anti-bacteriana.

Salienta-se que, mais da metade dos espécimes observados durante a realização da presente pesquisa veio com os moradores no ato da transferência.

Dentre as espécies identificadas, somente *Myracrodruon urundeuva* (Allemão) Engl. (Aroeira) é nativa da Caatinga, descrita como medicinal para os moradores da vila em questão, assim como para Machado e Oliveira (2014). Mas, segundo o Ministério do Meio Ambiente essa planta encontra-se na Lista Oficial das Espécies Ameaçadas de Extinção, ou seja, apresenta alto risco de desaparecimento na natureza em um futuro próximo (BRASIL 2008). Apesar desta espécie está ameaçada de extinção, sua grande procura também se dá para usos madeireiros, principalmente, pela capacidade de ter sua madeira fortemente resistente aos ataques de decompositores, animais como cupim, e a ação de desgaste provocada pela umidade (MAIA, 2004).

Tabela 1. Etnoespécies identificadas na Vila Produtiva Rural Queimada Grande, Salgueiro – PE. Fonte: Própria.
Legenda: A = alimentício; F = forrageiro; Me = medicinal; Mi = místico; e O = ornamental.

Família/Espécie	Nome Vernáculo	Uso Etnobotânico
AMARANTHACEAE		
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Me
ANACARDIACEAE		
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	A/Me
<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira	A
<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Allemão) Engl.	Aroeira	Me
ANNONACEAE		
<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	A
<i>Annona squamosa</i> L.	Pinha	A
APOCYNACEAE		
<i>Adenium obesum</i> (Forssk.) Roem. & Schult.	Rosa-do-deserto	O
<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don.	Boa-noite	O
<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira rosa	O
ARACEAE		
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott.	Comigo-ninguem-pode	O
ARALIACEAE		
<i>Polyscias</i> spp.	Crote mulambo	O
ARECACEAE		
<i>Dypsis</i> spp.	Palmeira	O
<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf	Areca-bambú (Palmeira)	O
ASPARAGACEAE		
<i>Sansevieria trifasciata</i> (Dewild.) N. E. Br.	Espada-de-são-jorge	O
BIXACEAE		
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	A

Família/Espécie	Nome Vernáculo	Uso Etnobotânico
BRASSICACEAE		
<i>Brassica spp.</i>	Mostarda	A/Me
CACTACEAE		
<i>Opuntia ficus-indica</i> (L.) Miller	Palma	F
CARICACEAE		
<i>Carica papaya</i> L.	Mamoeiro	A/Me
DAVALIACEAE		
<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	Samambaia	O
EUPHORBIACEAE		
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	Mi
LAMIACEAE		
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	Me
<i>Mentha spp.</i>	Hortelã	Me
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Malva-do-reino	Me
LAURACEAE		
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro	A
LYTHRACEAE		
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Me
MALPIGHIACEAE		
<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	A/Me
MELIACEAE		
<i>Azadirachta indica</i> A. Juss	Nim-indiano	O
MORACEAE		
<i>Morus spp.</i>	Amora	A
MUSACEAE		
<i>Musa spp.</i>	Bananeira	A
MYRTACEAE		
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	A
NYCTAGINACEAE		
<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	Buganvillea	O
OXALIDACEAE		
<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	A
<i>Oxalis regnellii</i> Mig.	Trevo-roxo	O
PASSIFLORACEAE		
<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Maracujá	A/Me
PLUMBAGINACEAE		
<i>Plumbago auriculata</i> Lam.	Nuvem	O
POACEAE		
<i>Cymbopogon spp.</i>	Capim	F
<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf.	Capim-santo	Me

Família/Espécie	Nome Vernáculo	Uso Etnobotânico
POLYPODIACEAE		
<i>Pleopeltis pleopeltifolia</i> (Raddi) Alston	Samambaia	O
PORTULACACEAE		
<i>Portulaca spp.</i>	Onze horas	O
PUNICACEAE		
<i>Punica granatum</i> L.	Romã	A/Me
ROSACEAE		
<i>Rosa spp.</i>	Roseira	O
RUBIACEAE		
<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	O/Me
RUTACEAE		
<i>Citrus spp.</i>	Tangerina	A/Me
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.	Limoeiro	A/Me
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira	A/Me
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Me/Mi

Verificou-se que, entre as utilizações, os usos alimentício, medicinal, ornamental apresentaram a mesma frequência (Figura 2), seguido por forragem e místico, corroborando com resultados observados por Rodrigues et al. (2002). Pasa (2004) salienta que as categorias de uso de uma espécie vegetal podem ser cumulativas, como foi identificado no presente estudo com o *Anacardium occidentale* L. (cajeeiro), utilizada para a alimentação e como medicinal ao mesmo tempo.

Foi observado que no uso alimentício dado pelos entrevistados as plantas cultivadas ocorrem em grande maioria de forma *in natura*, isto é, são consumidas após a colheita sem nenhum processamento direto ou caso haja, passa apenas por macerações simples, como são consumidas as sementes da *Bixa orellana* L. (urucum) e da *Brassica spp.* (mostarda).

Dentre as espécies consideradas para fins medicinais destaca-se o *Cymbopogon citratus* Stapf. (capim-santo) que a partir das suas folhas é produzido um chá por decocção para tratar transtornos causados pela Hipertensão, Inapetência e como calmante natural. O *C. citratus* é muito usado como ingrediente essencial na cozinha asiática devido a seu forte sabor de limão (BRIAN; IKHLAS, 2002), e suas folhas são usadas, sob a forma de infusão, como sedativo e calmante do sistema nervoso, tendo estudos comprovados para eficiência antiespasmódica, analgésica, bactericida, inseticida, inibitória do crescimento de fungos e antimutagênica (MARTINS et al., 2004).

Martínez (1995) afirma que o aumento no uso de plantas medicinais está provavelmente relacionado à deterioração das condições econômicas nos países de terceiro

mundo. Desta forma, os trabalhos realizados com plantas medicinais no Brasil correspondem a maior parte dentre as mais variadas formas de usos de planta (OLIVEIRA et al. 2009). Cabe ressaltar que no presente estudo as plantas mencionadas para fins medicinais, são usadas com maior relevância como fontes de Vitamina C, para cicatrização e anti- inflamatório.

Figura 2: Usos etnobotânico das plantas identificadas na Vila Produtiva Rural Queimada Grande, Salgueiro-PE. Fonte: Própria

De acordo com Melo et al. (2011) as plantas ornamentais são implantadas com o objetivo de proporcionar um prazer estético, porém elas desempenham inúmeras funções na paisagem. Dentre essas plantas destaca-se a *Dieffenbachia picta* Schott. (comigo-ninguem-pode) por apresentar características morfológicas para a contemplação, mas apresenta um grande potencial toxicológico em humanos e animais (MACHADO, 2003). As intoxicações atingem principalmente crianças e animais domésticos e ocorrem por ingestão ou contato de mucosas, pele e olhos com partes lesionadas da planta. Sua toxicidade é conhecida há muito tempo, cuja ação química está associada às substâncias tóxicas, como alguns lipídios, proteínas e alcalóides (SILVA et al. 2014).

Walter e Khanna (1972) ressaltam que esta espécie apresenta ação corrosiva e letal quando ingerida, devido aos cristais de oxalato de cálcio presente nos idioblastos do parênquima clorofiliano. Desta forma, há a necessidade de cuidados permanentes para evitar acidentes, uma vez que a população em geral não tem conhecimentos sobre a toxicidade das plantas, tendo como princípio o fato de que se vem da natureza não oferece riscos descartando a possibilidade de danos à saúde.

A Comigo-ninguém-pode, juntamente com o Pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) e a Arruda (*Ruta graveolens* L.) foram consideradas espécies místicas pelos residentes da VPR Queimada Grande. Diante do saber e crenças definidos pelo povo são plantas que possuem o poder de atrair para si o mal olhado, capacidade sobrenatural de lançar (os maus olhos) sobre a vida dos outros em apenas um relance, e por isso são postas nos jardins ou cultivadas em vasos nas entradas das residências.

Diante da mudança para a VPR Queimada Grande boa parte dos moradores não quis se desfazer de seus bens, embora fossem iniciar uma vida nova. Assim, na transferência levaram 52% dos espécimes cultivados atualmente, sendo esses de diferentes espécies de plantas. Isso, demonstra que há apego, afeto ou funcionalidade dada aos exemplares identificados para que estes fossem levados juntamente com os demais objetos da família reassentada.

No decorrer do tempo, apesar da fase de adaptação, os moradores passaram a trocar conhecimentos, com isso iam adquirindo saberes e realizando a troca de mudas das plantas cultivadas, cuja escolha era realizada levando em consideração a beleza da planta.

Conclusões

Diante dos resultados obtidos na pesquisa, conclui-se que a população estudada mantém uma relação com as plantas e fazem uso destas em suas atividades cotidianas. Mostram que a mudança de um ambiente para outro não impede o cultivo de plantas, mais sim expõem que ainda existem pessoas que usam as plantas como uma terapia de vida mesmo que haja inúmeros fatores que os tornem difíceis.

Referências

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. Recife: Bagaço, 87p. , 2002.

_____; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. n. 16, v. 3, p: 273-285. 2002.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. 2. ed. Recife: Comunigraf/NUPEEA, 2008. 319p.

_____.; LUCENA, R. F. P.; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Eds.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA. p. 21-38. 2010.

ALEXIADES, M. N. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. The New York Botanical Garden, Bronx. 1996. 306p.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (org.). **Plantas medicinais: arte e ciência - Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p.47-68. 1996.

BENNETT, B. C.; PRANCE, G. T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Economic Botany**, v. 54, n. 1, p. 90-102, 2000.

BERGAMASCO, S. M. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense. 2001.

BRASIL. Instrução Normativa nº6, de 23 de setembro de 2008. Reconhece espécies da flora ameaçada de extinção. **Diário Oficial da União**, n 185, 2008.

BRIAN, T. S.; IKHLAS, A.K. Comparation of extraction methods for marker compounds in the essencial oil of lemon grass by GC. **Journal of Agriculttural and Food Chemistry**. v. 50, n. 6, p. 1345-1349, 2002.

CUNHA, S. A.; BORTOLOTTTO, I. A. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v. 25, n.3, p: 685-698. 2011.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia. **Ciência e Cultura**, v.55, n.3, p.35-36. 2003.

GUARIM NETO, G.; SANTANA, S. R.; SILVA, J. V. B. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindadeae Jussieu. **Acta Botanica Brasilica**, v. 14, n. 3, p: 327-334. 2000.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA). IBGE Cidades 2017 [S. I.] Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/salgueiro/panorama>>. Acesso em 07 set. 2017.

LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. da. **Ecologia da Caatinga**. Recife: Editora Universitária da UFPE. 2003

MACHADO, A. C.; OLIVEIRA, R. C. Medicamentos Fitoterápicos na odontologia: evidências e perspectivas sobre o uso da aroeira-do-sertão (*Myracrodruon urundeuva* Allemão). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**. v. 16, n. 2, p: 283-289. 2014.

MACHADO, K. Z. **Avaliação da toxicidade de plantas ornamentais frente ao teste com *Artemia salina* Leach**. Departamento de Química, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-PR, 2003. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/105040/Karina_Machado.pdf?sequence=1>. Acesso em 12 out. 2017.

MAIA, G. N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. 1 ed. São Paulo: Leitura & Arte, 413 p. 2004.

MARTÍNEZ, H. P. Commercialization of Wild Medicinal Plants from Southwest Puebla, Mexico. **Economic Botany**, v. 49, n. 2, p. 197-206, 1995.

MARTINS, M. B. G.; MARTINS, A. R.; TELASCRÊA, M.; CAVALHEIRO, A. J. Caracterização anatômica da folha de *Cymbopogon citratus* (CD) Stapf (Poaceae) e perfil químico do óleo essencial. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** v. 6, n. 3, p. 20-29, 2004.

MELO, A. G. C.; CARVALHO, D. A.; CASTRO, G. C.; MACHADO, E. L. M. Fragmentos Florestas Urbanos. **Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal**, v.17, n.1, 2011.

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional. Disponível em Relatório De Impacto Ambiental 2004. Acesso em 7 de set de 2017

_____. Projeto de Integração do Rio São Francisco. [S.I.]. Vilas Produtivas Rurais, 2014. Disponível em: < <http://www.integracao.gov.br/web/projeto-sao-francisco/vilas-produtivas-rurais>>. Acesso em: 07 de set 2017.

_____. Projeto de Integração do Rio São Francisco. [S.I.]. Vilas Produtivas Rurais, 2017. Disponível em: < <http://www.integracao.gov.br/web/projeto-sao-francisco/vilas-produtivas-rurais>>. Acesso em: 10 setembro 2017.

MIRANDA, T. M.; HANAZAKI, N. Conhecimento e uso de recursos vegetais de restinga por comunidades das ilhas do Cardoso (SP) e de Santa Catarina (SC), Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v. 22, p: 203-215. 2008.

OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; KRUEL, V. S. F.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas Etnobotânicas no Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v. 23, n.2, p. 590-605, 2009.

PALMER, C. T. The inclusion of recently introduced plants in the Hawaiian ethnopharmacopeia. **Economic Botany**, v.58, n.1, p. 280-293, 2004.

PASA, M. C. Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. 2004. **Tese** (Doutorado em Ciências) – Universidade Federal de São Carlos. 174 p.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In RIBEIRO, B. **Suma Etnológica Brasileira**. Etnobiologia. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes/FINEP, p: 15-25, 1987.

PRANCE, G. T. What is ethnobotany today? **Journal of Ethnopharmacology**, v.32, p. 209-216, 1991.

PRUDENTE, R. C. C.; MOURA, R. B. de. Evidências científicas para a indicação popular de algumas espécies da família Rutaceae no tratamento de doenças respiratórias na região Sudeste do Brasil. **Infarma – Ciências Farmaceuticas**. v. 25, n. 1, p: 25-31. 2013.

RODRIGUES, L.A.; CARVALHO, D.A.; GOMES, L.J.; BOTREL, R. T. **Espécies vegetais nativas usadas pela população local em Luminárias, MG**. Lavras: UFLA, 2002. 34p.

SILVA, J. A.; LIMA JÚNIOR, A.; OLIVEIRA, I.; BRITO, G.; SILVA, D.; SILVA, I.; COSTA, S. Avaliação da toxicidade da planta Comigo-ninguém- pode (*Dieffenbachia* spp.), no controle do *Tribolium castaneum* em grãos de milho. **Revista Faculdade Montes Belos**, v. 8, n 5, p: 115-139, 2014.

SOARES, E. Seca no Nordeste e a transposição do rio São Francisco. **Geografias**. v. 9, n 2, p. 75-85. 2013.

WALTER, W. G; KHANNA, P. N.1972. Chemistry of the aroids I. *Dieffenbachia seguine*, *amoena* and *picta*. **Economic Botany**, v. 26, n. 4, p: 364-372. 1972.

TUAN, Y. F. **Topofilia** – Um estudo da percepção e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 288 p. 1980.